



Juventude, produção de subjetividades e participação social¹

Youth, production of subjectivities and social participation

*Fábio Paulo Belli**

Recebido: 30/06/19. Aprovado: 02/08/19.

Resumo: *Desde a perspectiva do filósofo francês Félix Guattari, a subjetividade é produzida por componentes heterogêneos, materiais e imateriais. Segundo Guattari, a atual configuração do capitalismo está constituída de tal modo que sua lógica não implica apenas os setores de produção, mas a vida humana como um todo, sendo, portanto chamado de Capitalismo Mundial Integrado. Esse arranjo capitalista produz uma subjetividade de domesticação, da qual é possível libertar-se pela singularização. Defende-se, neste artigo, que as juventudes, com seus diversos modos de associação, podem singularizar-se, escapando à modelização de subjetividade dominante. A relevância da proposta visualiza-se na necessidade de buscar alternativas ao atual discurso econômico-político. Apesar das incoerências do modelo neoliberal, não se identifica com facilidade proposições de mudança. Além disso, a discussão procura evidenciar nos modos de ser dos jovens formas de contestação ao status quo e, ao mesmo tempo, indícios de novos caminhos de organização social a serem construídos.*

Palavras-chave: *Juventude. Subjetividades. Participação social.*

Abstract: *From the perspective of the French philosopher Félix Guattari, subjectivity is produced by heterogeneous, material and immaterial components. According to Guattari, the present configuration of capitalism is constituted in such a way that its logic does not only imply the sectors of production, but human life in its entirety, and is therefore called Integrated World Capitalism. This capitalist arrangement produces a subjectivity of domestication, from which it*

* Doutorando em Filosofia (Universidade Federal de Santa Catarina). Mestre em Filosofia (Universidade Federal de Santa Catarina, 2019). Especialista em Juventude, Religião e Cidadania (Faculdade Católica de Santa Catarina, Florianópolis, 2014). Bacharel em Filosofia (Faculdade São Luiz, Brusque, 2012).
E-mail: fpbelli@hotmail.com

¹ Este artigo tem como base o trabalho de conclusão de curso da especialização em *Juventude, Religião e Cidadania*, pela FACASC. Agradeço o auxílio financeiro fornecido pela Diocese de Caçador, Santa Catarina, para a realização do curso e a orientação do prof. Dr. Gilberto Tomazi.





is possible to be liberated by singularization. It is argued, in this article, that the youths, with other modes of association, may singularize themselves, escaping to modelization of dominant subjectivity. The importance of the proposal is the attempt to seek alternatives to the current economic-political discourse. Despite the inconsistencies of the neoliberal model, we do not identify easily change proposals. In addition, the discussion intends to demonstrate, in the ways of being of the youth, new modes of contesting the status quo, and at the same time, indications of new ways of social organization to be constructed.

Keywords: *Youth. Subjectivities. Social participation.*

1 Apontamentos sobre a questão da subjetividade a partir de Félix Guattari

Os modos de constituição do ser humano, no sentido da produção de suas subjetividades, podem ser considerados sob múltiplas perspectivas, desde a defesa da total determinação a estruturas de poder inflexíveis, até a ênfase na capacidade de superar o que está dado, mesmo que esteja rigidamente estabelecido. Não obstante a constatação da influência do sistema de poder capitalista – que já não é mais apenas de ordem político-econômica, atingindo a vida humana em sua totalidade – na construção da subjetividade contemporânea, assume-se neste escrito uma postura de otimismo, evidenciando em movimentos juvenis a possibilidade de se por à margem do paradigma dominante.

Em filosofia, podemos, sem entrar em pormenores, compilar os discursos sobre o tema da subjetividade em duas linhas: a orientação ascendente e a orientação descendente. Como principais representantes da primeira linha, temos Platão, Aristóteles, Descartes e Hegel. Para estes, a verticalidade ganha destaque, e termos como ‘essência’ e ‘representação’ são proeminentes. Abstraindo-se das muitas características acidentais do sujeito, seria possível identificar uma subjetividade geral, presente em todos os sujeitos. Para a segunda concepção, a horizontalidade é o ponto-chave. Já não é mais plausível falar em um sujeito universal, mas em subjetividades práticas e sujeitos que se constituem na experiência social, em seus trajetos singulares nos diversos espaços. O sujeito é, pois, tão somente duração, persistência no tempo de um conjunto de afirmações e crenças decorrentes dos hábitos que qualificam o indivíduo e lhe conferem não ‘a identidade’, mas ‘uma identidade’, por definição provisória, que será passível de mudança tão logo mudem as experiências que conformam seus hábitos. Dessa linha, temos como principais



representantes os filósofos empiristas, como Hume, e os existencialistas, como Heidegger².

Entre os pensadores considerados pós-modernos que desenvolvem o tema da subjetividade, Félix Guattari diferencia-se por tratar da produção dos sujeitos a partir de uma diversidade de elementos constituintes. Segundo Guattari, “não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente.”³ Guattari advoga que os sistemas tradicionais de determinação da subjetividade do tipo infraestrutura material/superestrutura ideológica não dão conta de explicar o que é a subjetividade e como se dá sua produção. Os fatores produtores de subjetividade são múltiplos, sem uma estrutura hierárquica que os defina no processo, não havendo causalidade unívoca. “A subjetividade, de fato, é plural, *polifônica*”⁴.

Segundo o filósofo francês, são três os problemas que levam a uma reconsideração da definição clássica da subjetividade, do tipo oposição entre sujeito individual e sociedade, quais sejam,

a irrupção de fatores subjetivos no primeiro plano da atualidade histórica, o desenvolvimento maciço de produções maquinicas⁵ de subjetividade e, em último lugar, o recente destaque dos aspectos etológicos e ecológicos relativos à subjetividade humana⁶.

² SOARES, Leonardo B.; MIRANDA, Luciana L. Produzir subjetividades: o que significa. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, UERJ, ano 9, n. 2, 2º semestre de 2009, p. 408-424. p. cit. 413-414. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.

³ GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 34.

⁴ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992. p. 11. [grifo do autor]

⁵ Máquinas, para Guattari, não se refere ao espaço das técnicas, mas a uma organização de fluxos e forças plurais e heterogêneas, ou seja, são “acoplamentos heterogêneos que agenciam”. Máquina, “consiste em uma tentativa de abandonar o vocabulário que torna possível remeter ao sujeito como agência, para substituí-lo por uma linguagem completamente nova que enfatize os acoplamentos heterogêneos que produzem efeitos. A noção de máquina aqui é de extrema importância, pois repudia a esfera da ontologia, não se caracteriza pelo o que é – como os sujeitos – mas pelo que faz, pelos efeitos que produz. A linguagem idealista de almas e sujeitos é substituída por uma materialista, ligada às práticas, aos acoplamentos heterogêneos” (OLIVEIRA, Rosana M. de Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. *Revista Psicologia e Sociedade* [online]. Porto Alegre, v. 17, n1, p. 56-60, 2005. p. cit. 58. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a08v17n1.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2014).

⁶ GUATTARI, 1992, p. 11.



Os fatores subjetivos, como emoções e sentimentos, têm sido postos em evidência ao serem assumidos pelos *mass media* mundiais. Reivindicações que, a princípio, são consideradas apenas a partir do viés ideológico, trazem elementos dos sujeitos à tona, constituindo um estilo de vida e mesmo uma ética coletiva. Guattari ressalta a impossibilidade de destruição total desse *ethos* coletivo, já que atingi-lo supõe um movimento contrarrevolucionário. Além disso, o autor põe em evidência o fato de que a construção intersubjetiva nem sempre tende para a emancipação⁷. A possibilidade de domesticação da opinião pública, unindo, por vezes, a potência da mídia e a força das armas, é latente.

As transformações tecnológicas tendem a conduzir, ao mesmo tempo, à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e à heterogeneidade e singularização de seus componentes. A produção maquínica de subjetividade pode trabalhar tanto para o melhor como para o pior. O melhor se situa na criação de novos Universos de referência e o pior é a *mass*-mídiação embrutecedora. O filósofo francês sugere, então, uma era pós-mídia, caracterizada por uma reapropriação e ressingularização da mídia.

Partindo de suas experiências na psicanálise, Guattari evidencia a necessidade de constituir complexos de subjetivação: indivíduo-grupo-máquina – trocas múltiplas, oferecendo à pessoa possibilidades de construção e de alguma forma, de ressingularização. Não se trata mais de uma subjetividade dada, mas de uma *autopoiese*, de processos de autonomização.

Nos termos de Guattari,

*operam transplantes de transferência que não procedem a partir de dimensões “já existentes” da subjetividade, cristalizadas em complexos estruturais, mas que procedem de uma criação e que, por esse motivo, seriam antes da alçada de uma espécie de paradigma estético.*⁸

Nesse processo, todos os elementos que podem contribuir para uma nova forma de relação, mais autêntica, onde o outro tem importância. Ampliando a definição de subjetividade, Guattari passa, então, a conceituá-la como

⁷ GUATTARI, 1992, p. 12.

⁸ GUATTARI, 1992, p. 17. [grifo nosso]



“[...] o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.”⁹

A subjetividade possui uma dimensão individual, expressa nas relações de alteridade, e uma dimensão coletiva, no sentido de algo que está para além do indivíduo, se multiplica. Desse modo, a produção de subjetividade está implicada por instâncias humanas intersubjetivas e por instâncias sugestivas (interações institucionais, dispositivos máqunicos, música, artes plásticas, etc.). É a partir da parte não-humana da subjetividade que se pode desenvolver sua heterogênese. A subjetividade não é produzida apenas a partir do inconsciente, entendido em sentido individual, mas por máquinas sociais, não humanas. Isso implica que cada indivíduo, cada *grupo social*, terá seu próprio sistema de modelização de subjetividade, a partir do qual se posiciona como pessoa no mundo. Assim, a subjetividade está implicada em uma dimensão de criatividade processual.

Uma pergunta fundamental emerge: “como se operam as modificações de um pensamento, de uma aptidão para apreender o mundo circundante em plena mutação?”¹⁰. Isto é, como se dá o processo de transformação de subjetividades? E ainda: “como certos segmentos semióticos adquirem sua autonomia, começam a trabalhar por sua própria conta e a secretar novos campos de referência?”¹¹. Guattari assim responde: a observação de uma situação dada, de um conteúdo, se dá por meio de uma separação ou isolamento, criadores. Em seguida, o conteúdo é ressignificado pelo sujeito observador. A subjetividade criadora, então, se destaca e autonomiza. Certos ritmos cristalizam agenciamentos existenciais, que se encarnam e singularizam. Para ilustrar esse *processo polifônico de produção de subjetividade*, Guattari utiliza o exemplo da consumação televisiva:

Quando olho para o aparelho de televisão, existo no cruzamento: 1. de uma fascinação perceptiva pelo foco luminoso do aparelho que confina ao hipnotismo; 2. de uma relação de captura com o conteúdo narrativo da emissão, associada a uma vigilância lateral acerca dos

⁹ GUATTARI, 1992, p. 19. [grifo do autor]

¹⁰ GUATTARI, 1992, p. 22.

¹¹ GUATTARI, 1992, p. 24.



*acontecimentos circundantes (a água que ferve no fogo, um grito de criança, o telefone...); 3. de um mundo de fantasmas que habitam meu devaneio... meu sentimento de identidade é assim assediado por diferentes direções.*¹²

O sentimento de unicidade do espectador diante da tela é dado pelo que é denominado pelo pensador francês de nó existencial projetivo. O “eu” é o que está diante dele. Sua identidade é a personagem que fala na televisão. A diversidade de componentes permanece, sendo, entretanto, captada por um elemento que confere unidade, garantindo o território existencial do eu.

2 O capitalismo mundial integrado

Dada a temporalidade e historicidade dos elementos produtores de subjetividades, elas mesmas serão variáveis de acordo com o momento de sua gênese. Todo sujeito se constitui em relação ao período histórico em que se encontra. Diante dessa constatação, Guattari identifica um aspecto importante em relação ao período pós-moderno: a produção de subjetividades está intrinsecamente relacionada ao modo de produção capitalista neoliberal.

Para o filósofo francês, o modelo capitalista atual, consequência da globalização que não considera a alteridade, tem incidido diretamente no modo como os componentes heterogêneos de produção de subjetividades se articulam na produção de sujeitos. Guattari define esse modelo como Capitalismo Mundial Integrado (CMI). Segundo o autor,

*o capitalismo contemporâneo é mundial e integrado porque potencialmente colonizou o conjunto do planeta [...] e porque tende a fazer com que nenhuma atividade humana, nenhum setor de produção fique fora do seu controle.*¹³

A capacidade de reinvenção do capitalismo diante das crises faz com que ele se apresente desterritorializado, isto é, assuma faces diferentes de acordo com situações diversas e por vezes adversas. Os axiomas que o definiam anteriormente são substituídos por outros, sem

¹² GUATTARI, 1992, p. 28.

¹³ GUATTARI, Félix. *Revolução Molecular*: pulsações políticas do desejo. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. p. 211.



ônus ao plano capitalista geral. Não há um programa definido de uma vez por todas.

Os arranjos produtores de subjetividade formados pelo CMI quase que inevitavelmente se impõem aos sujeitos, que se sujeitam ao que lhes parece ser a única alternativa possível. Há apenas “uma cultura capitalística que permeia todos os campos de expressão semiótica”¹⁴. A ordem capitalística

*[...] fabrica a relação com a produção, com a natureza, com os fatos, com o movimento, com o corpo, com a alimentação, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo.*¹⁵

As relações de produção do CMI apresentam uma dimensão econômica e outra subjetiva. A expansão do capitalismo está em muito determinada pela existência desse segundo momento, a saber, o de uma subjetividade que a possibilite. Em suas formas antigas, o capitalismo sempre se utilizou do par economia/subjetividade para se reproduzir. No entanto, existiam outros modos possíveis de subjetivação que não os capitalistas. Com o capitalismo contemporâneo (desde as últimas três décadas do século XX), a produção capitalista se universalizou em termo de produção de subjetividade. Atesta André Camargo:

*A dependência econômica do capitalismo contemporâneo, em relação à produção de subjetividade, pode ser constatada historicamente pela necessidade do capitalismo em incorporar, mesmo que lentamente, todos os tipos de atividades que formalmente escapavam da definição clássica de trabalho. Só foi no final desse mesmo século [do século XX], que as atividades da vida doméstica, do esporte, da cultura, do turismo, da religião e da educação, por exemplo, foram investidas por certo modo de subjetividade que procurou fazer com que todos os setores se tornassem duplamente produtivos. A própria produção de subjetividade gerada por esses setores asseguraram sua reprodução econômica.*¹⁶

¹⁴ GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 23.

¹⁵ GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 42.

¹⁶ CAMARGO, André C. Félix Guattari: o capitalismo mundial integrado. In: *VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*, 2011, São Carlos, p. 69-76. Anais eletrônicos. São Carlos, UFSCar, 2011. p. 70. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~sempgfil/wpcontent/uploads/2012/05/andrecamargo.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2013.



A hegemonia dos valores capitalistas só é possível quando mecanismos, tais como a escola, a religião, a família, a mídia, os partidos políticos, as empresas, sindicatos, revistas, programas de televisão, contribuem para a internalização de sua lógica. Esses mesmos mecanismos podem ser, contudo, portadores de uma contra-hegemonia.

2.1 Subjetividade, capitalismo mundial integrado e singularização

Cabe indagar: em meio à produção massiva em nível mundial de certos modos de agir, vestir e conviver, veiculados hodiernamente pelos *mass-media* e consumidos por multidões, é possível pensar na produção de subjetividades singulares e singularizantes, que escapem às modelizações dominantes ou impositivas? Para Guattari, o único modo de escapar às determinações do CMI é pela singularização. Tal processo acontece mediante comportamentos distintos dos axiomas de convivência social ditadas pelo modelo neoliberal. A possibilidade de singularizar-se no cotidiano está no ensejamento de pequenas práticas que sejam focos de criatividade e de experiências de vida enriquecedoras das relações das pessoas com o mundo. Afirma Guattari:

A essa máquina de produção de subjetividade eu oporia a ideia de que é possível desenvolver modos de subjetivação singulares, aquilo que poderíamos chamar de 'processos de singularização', uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos, todos esses modos de manipulação de telecomando, recusá-los para construir, de certa forma, modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular. Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos.¹⁷

Em sua crescente expansão, o próprio do capitalismo oferece perigo para si mesmo, abrindo frestas, fendas, fissuras, a força que move o processo de singularização. No entanto, nada está dado. É preciso, a partir da compreensão de que a subjetividade é constantemente produzida, lutar por novos campos de possibilidades, inventando no cotidiano novos modos de existência, novas relações consigo mesmo e com o mundo.

¹⁷ GUATTARI; ROLNIK, 1999, p. 16-17.



Em relação à atual configuração sistêmica, o pensador francês evidencia dois tipos de conflitualidade nos espaços capitalistas: a) lutas de interesse, lutas econômicas, lutas sociais, lutas sindicais no sentido clássico, associadas ao nível da *revolução molar*; b) lutas relativas à liberdade, novos questionamentos da vida cotidiana, do ambiente do desejo, etc., agrupados sob o signo *revolução molecular*.¹⁸ Em relação ao primeiro tipo de conflito (‘a’), Guattari defende que não são capazes de fazer frente aos axiomas do CMI, pois aos poucos foram se tornando assimiláveis aos equipamentos de poder. Por outro lado, no ângulo das lutas moleculares há uma mudança de panorama. Nos espaços capitalistas há, segundo Guattari, uma forma de perturbação molar difícil de apreender, com potencial de contestação do *status quo* sistêmico.

O CMI, com seus axiomas, não triunfará, advoga o pensador francês. Mesmo que na ordem da produção e manipulação de instituições e leis esteja situada a força do CMI, estes se chocam contra movimentos revolucionários dos grupos sociais. Esses sugerem uma revolução molecular, portadora de coeficientes de liberdade inassimiláveis pelo sistema dominante. Aí reside a fragilidade do CMI. No entanto, adverte Guattari,

*o melhor e o pior podem decorrer desse tipo de fermentação, cujo resultado depende essencialmente da capacidade dos agenciamentos explicitamente revolucionários em encontrar sua articulação com as lutas de interesse, políticas e sociais.*¹⁹

Qual seria, então, o modelo de organização capaz de conferir tal articulação às revoluções moleculares? Isso parece ainda não estar claro, está ausente de definição. No entanto, há uma premissa essencial: é primordial respeitar a autonomia e a singularidade dos diversos segmentos de luta. Isso possibilitaria um novo modo de estruturação, que evite a fluidez e a vagueza. Além disso, é necessário que esteja ausente qualquer “sistemocracia”, seja a nível ideológico manifesto, seja a nível inconsciente, tendo em vista o respeito às idiossincrasias de cada revolução molecular e o favorecimento da *multicentragem das decisões*. É

¹⁸ Guattari realiza uma distinção entre *molar* e *molecular*. O primeiro conceito se refere à realidade constituída, lugar do registro e controle dos corpos no social, local gerido preferencialmente pelas instituições reprodutoras das relações sociais dominantes. O segundo, à realidade em vias de se constituir e, ao mesmo tempo, em vias de se desmanchar, lugar de produção onde os fluxos de desejo se relacionam através de inúmeras conexões.

¹⁹ GUATTARI, 1986, p. 220.



preciso, ainda, medir o nível de contaminação que o CMI exerce em cada movimento revolucionário.

Na medida em que se fortalecem as mutações moleculares, o CMI se fragilizará, mesmo que consiga resolver problemas técnicos, econômicos e de controle social. Novos modos de sensibilidade, relações sociais, relações de trabalho estão sendo e serão gestados. Consequentemente, o CMI se enrijecerá. “Mas as *centenas de milhões de jovens* que se deparam com o *absurdo desse sistema*, em toda a superfície do planeta, constituem igualmente uma *onda portadora de um outro futuro*”²⁰. Apesar de conjectural, a “profecia” que enuncia o desenvolvimento de forças revolucionárias na atualidade, ganha cada vez mais racionalidade e, de outro lado, as ideias de autoarranjo e autorregulação, das quais são portadores os discursos neoliberais, já parecem carecer de sentido.

3 Juventude e produção de subjetividade

O período da juventude é um momento decisivo na constituição da subjetividade. O impulso para o conhecimento irrestrito do novo, os espaços de construção de identidades até então inexplorados (universidade, trabalho, família, grupos diversos), a inserção na dinâmica da política e da economia, proporcionam experiências intensas e diversas, com as quais o jovem vive sua *autopoiese*. Evidentemente, todos esses elementos a serem considerados na formação do sujeito são de caráter histórico e, por isso, são modificados com o decorrer do tempo. Por isso, diferentes sujeitos jovens são produzidos (e produzem-se) de acordo com diferentes épocas.

Com o advento da modernidade, mudanças como o acento na centralidade da razão, a maior valorização da liberdade e da igualdade, e o acelerado processo industrial, proporcionaram elementos decisivos na constituição do que usualmente denomina-se “homem moderno”. Nas últimas décadas, ao lado da cultura moderna, vem se fortalecendo uma nova cultura, a pós-moderna. Essa tem como diferenciais a velocidade e o volume da informação, a rapidez com que a tecnologia mudou o cotidiano, novos códigos e comportamentos, o processo de globalização, além de características como o presenteísmo, a efemeridade, a fluidez, o desencantamento perante o mundo, a crise das metanarrativas e das instituições e o anti-dogmatismo. De modo semelhante ao que aconteceu

²⁰ GUATTARI, 1986, p. 224-225. [grifos nossos]



com a modernidade, o período pós-moderno parece implicar a existência do que pode ser denominado “homem pós-moderno”.

Ser jovem, nesse contexto, é, muitas vezes, sinônimo de rebeldia, de revolução, de utopia. O questionamento simbólico-representativo ao *modus vivendi* se apresenta em diversos espaços juvenis que, recorrentemente, são rechaçados pelos mecanismos do CMI. A capacidade juvenil de inconformismo e de fazer emergir novas possibilidades pode significar um novo modo de ser sujeito, com categorias totalmente distintas das convencionais.

Agrupamentos juvenis, que implicam em modos de ser dos jovens, conjecturamos, podem constituir-se em formas de questionamento do *status quo* e, portanto, modos de singularização na alteridade. Nossa compreensão é a de que as juventudes *podem*, por meio de mecanismos como a sátira e a ironia, no âmbito social, subjetivar-se de tal modo que superem a hegemonia do CMI. No espaço urbano, por exemplo, há jovens descrevem um novo modo de viver, que aos poucos ganha evidência. Jane Correa e Lúcia de Castro advogam que,

*embora [os jovens] não sejam reconhecidos pelo que acrescentam e modificam aos modos de ser, sentir e agir da cidade, eles resignificam a convivência social ao recriarem o espaço e o tempo da cidade e a maneira de construírem a si mesmos.*²¹

Mesmo o distanciamento, a negação e a indiferença dos jovens a espaços produtores de subjetividade como constituídos atualmente – como a escola, os *mass media*, espaços diversos de entretenimento –, podem mostrar-se como perspectivas de superação do CMI, na medida em que questionam a insuficiência de sua estruturação atual. Movimentos singulares que reivindicam outros modos de se fazer acontecer e estar diante do outro constituem formas larvares de participação que, embora não enquadradas como ações coordenadas e organizadas de influência, pressão e decisão, questionam-nos sobre outros devires, ainda não autorizados, que subvertem as normas do *status quo*.²²

Nos tradicionais estatutos de passagem da adolescência para a vida adulta, os jovens adaptavam-se a formas prescritivas que tornavam rígidas as modalidades de transição de uma a outra fase de vida. Essas

²¹ CASTRO, Lúcia R. de; CORREA, Jane (Orgs.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005. p. 16.

²² CASTRO; CORREA, 2005, p. 17.



mudanças ocorriam predominantemente no que Deleuze chamou espaços estriados²³. No entanto, entre muitos jovens, as transições encontram-se atualmente sujeitas às culturas performativas que emergem das ilhas de dissidências em que se têm constituído os cotidianos juvenis, nos chamados espaços lisos²⁴. Ou seja, as culturas juvenis são eminentemente performativas porque, na realidade, os jovens nem sempre se enquadram nas culturas prescritivas que a sociedade lhes impõe. “A criação de esferas públicas alternativas por meio de espaços comunicativos primários refaz os sentidos e as significações que são necessários ao processo de renovação e transformação societária”²⁵.

4 Juventude e novas formas de participação social

Os movimentos juvenis e os diversos comportamentos (modos de vestir, de falar, códigos, etc.) passaram a ser encarados, no mundo contemporâneo, como formulações sociais que tentam buscar alternativas aos discursos tradicionais (política, religião, família)²⁶. A heterodoxia é característica marcante das novas associações juvenis, de modo que descrever um padrão, traçar um movimento linear para estas é tarefa inescrutável. Suas idiossincrasias, ainda não completamente delineadas, denotam um novo modo de participação social juvenil, por vezes desqualificado pela convencionalidade.

Os movimentos juvenis atuais tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, que têm como características a dispersão, a fragmentação, a imersão na vida diária. Eles são “um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamento, pontos de vista alternativos são testados e colocados em prática”²⁷. A relativa inconstância com a qual

²³ O espaço estriado é revelador da ordem do controle. Seus trajetos aparecem confinados às características do espaço que os determinam. Cf. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2002. p. 157-160.

²⁴ O espaço liso abre-se ao caos, ao nomadismo, ao devir, ao performativo. É um espaço de novas sensibilidades e realidades. Cf. DELEUZE; GUATTARI, 2002, p.157-162.

²⁵ COSTA, Maria R. da; SILVA, Elizabeth M. da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006. p. 18.

²⁶ CATANI, Afrânio M.; GILIOLI, Renato S. P. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: UNESP, 2008. p. 21.

²⁷ MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997. Disponível em: <<http://dspacesnj>>



se apresentam, no sentido de não formarem uma organização estritamente definida, não representa por si só uma negatividade. A pluralidade e a volatilidade de movimentos quer demonstrar a multiplicidade de possibilidades existentes diante do que está dado, do que se enrijeceu e parece inviolável.

O plano simbólico tem a primazia em relação ao plano material. Signos e representações imateriais são os instrumentos de ação das novas formas associativas dos jovens. Assim, o conflito não se manifesta na forma da ação “efetiva”. Alberto Melucci ressalta:

*O desafio vem através da inversão de códigos culturais e é por isso eminentemente “formal”. Em sistemas onde os signos tornam-se intercambiáveis, o poder reside nos códigos, nos ordenadores dos fluxos de informação*²⁸.

Afirmar que a aura juvenil está descrita pela apatia seria, portanto, uma incompreensão dos modos de expressão possíveis na sociedade complexa.

Para Carmem Gil²⁹, é fundamental romper com a visão dos movimentos sociais como ator único com plataforma de demandas homogêneas. Segundo o autor, a estrutura centralizada, característica dos movimentos sociais em outras décadas, não se sustentou e movimentos sociais como o ambientalista, o feminista e o juvenil fazem emergir formas organizativas descentralizadas e horizontais. Nestas, as relações sociais entre sujeitos e associações civis são múltiplas e em rede. Ao introduzir as categorias ‘visibilidade’ e ‘latência’, amplia-se a compreensão do idiossincrático dos movimentos juvenis atuais. O momento de latência está ligado à cultura e à identidade coletiva. Já a visibilidade é o momento no qual as ações de um movimento manifestam suas visões e posicionam-se contra o aparato dominante. Ela torna possível a visibilidade da ação porque a renova, produzindo novos significados para as mobilizações.

Neste sentido, faz-se necessário delinear algumas características transversais dos movimentos juvenis contemporâneos. Primeiro, é fato que, de modo genérico, a participação juvenil é, atualmente, plural, dispersa e

c3sl.ufpr.br/jspui/bitstream/11322/18/1/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf>.
Acesso em: 15 mar. 2014. p. 12-13.

²⁸ MELUCCI, 1997, p. 13.

²⁹ GIL, Carmem Z. V. Participação juvenil: o que anunciam os estudos. In: ASQUIDAMINI, Fabiane (org.). *Contratempos: juventude, segurança e paz*. São Leopoldo: Trilha Cidadã; CEBI; Rali de Comunicação; Rede Brasileira de Institutos de Juventude, 2009. p. 27.



fragmentada, tem uma capacidade de ação relacionada a um assunto concreto, não se organiza por meio de instituições, é formada por redes vinculantes. Isso autoriza uma grande flexibilidade de atuação em campanhas específicas, em redes de informação e em ações concretas. Some-se a isso a busca pela preservação da individualidade diante da massa, de modo que o sujeito não seja anulado diante do coletivo. Além disso, a participação juvenil é um processo em contínua transformação, no qual os grupos, redes, movimentos, organizações nascem e morrem, renascem com novos nomes e propostas. Esse contínuo recriar, ao contrário do que possa conceber numa análise superficial, parece ir construindo os jovens como atores sociais³⁰.

Na contemporaneidade, as formas de mobilização dos jovens são múltiplas. Elas vão desde a recusa passiva, que pode ser lida como crítica a um sistema do qual os jovens se sentem excluídos, até uma participação política (individual ou grupal) em torno de diferentes tipos de causas, das locais às planetárias.³¹ Por serem inusitados, os atuais movimentos juvenis são comumente tachados de desorganizados, sem propósitos, ausentes de clareza e, por isso, creditado como inócuos. No entanto, essa compreensão está delimitada pela dificuldade em explicitar a lógica interna desses movimentos, já que da perspectiva tradicional eles não parecem ser muito plausíveis.

Destarte o fenômeno do ativismo privado e, considerando a relevância da individualidade, isto é, da não coletivização, os jovens organizam-se em grupos para promover ações. Nos grupos culturais juvenis eles se encontram com aqueles com os quais se identificam, se reconhecem e compartilham de experiências significativas para realizar suas aprendizagens, sem o peso do compromisso em aprender de uma maneira formal, mas simplesmente fruindo o sentir-se livre, escolhendo com quem e onde estar, e sentindo o prazer da convivência.

Evidentemente, já não são grupos convencionais, tais como os que observávamos em um passado recente. No entanto,

Para além do discurso corrente de que os jovens de hoje não participam, são desinteressados e alienados, alguns estudos recentes têm demonstrado que os jovens desejam participar ativamente da vida social, têm muitas sugestões do que deve ser feito para melhorar a situação do país e, querem

³⁰ GIL, 2009, p. 27.

³¹ GIL, 2009, p. 31. Sobre a diversidade das novas formas associativas dos jovens, ver: CNBB. *Campanha da Fraternidade 2013*: manual. Brasília: CNBB, 2012. p. 33-38.



*dar sua contribuição. Entretanto não encontram espaços adequados: as formas de participação presentes na sociedade e no Estado são percebidas pelos jovens como muito distantes de sua realidade cotidiana.*³²

Mesmo se expandindo em todos os espaços de sociabilidade, é no mundo urbano que as formas associativas juvenis possuem maior organização. A globalização da informação e a facilidade de comunicação, geradas pela internet, ajudam a vincular projetos a grupos. Mesmo havendo uma multiplicidade de propósitos, naqueles em que há aproximação ideológica existe certa relação de interdependência e de complementaridade. É fato também que os jovens transitam e participam de diferentes grupos como sujeitos de múltiplas pertencas. Não estar delimitado a um espaço (físico e ideológico), desperta potencialidades para diversos feitos. Assim, atualmente vemos crescer a organização de grupos juvenis no mundo midiático, principalmente pelas redes sociais, que acabam se tornando verdadeiros ambientes de convivência e de interação por meio de novas e sedutoras linguagens.

Não obstante a caracterização acima delineada, ainda são recorrentes alguns “estigmas” e preconceitos em relação à imagem dos jovens como sujeitos participantes do coletivo (sociedade). No imaginário social geral, a essência juvenil contemporânea foi associada ao desinteresse pela política e pelas instituições oficiais, identificando os jovens, em primeiro lugar, como consumidores. “Nesse contexto, a ideia de “revolução social” foi caracterizada como “velha” e as utopias em prol de mudanças no sistema (anos 60-70) foram substituídas por representações da juventude como delinquente, criminosa, “desviante”, “anormativa” ou, no máximo, passiva”.³³

Contrapondo essa frágil concepção, é possível identificar uma série de novas formas de participação juvenil. No Brasil, por exemplo, podemos destacar:

a) a pertença a grupos (pastorais, movimentos eclesiais, novas comunidades, redes, ONGs e outras organizações juvenis) que atuam para transformar o espaço local, nos bairros, nas favelas e periferias; b) a participação em grupos que trabalham nos espaços de cultura e lazer: grafiteiros, conjuntos musicais, de dança e de teatro de diferentes estilos, associações esportivas; c) mobilizações em torno de uma causa e/ou campanha: grupos ecológicos, comitês da Campanha contra a Fome,

³² CNBB. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 22.

³³ CATANI, 2008, p. 71.



*ações contra a violência e pela paz, grupos por uma outra globalização etc.; d) grupos reunidos em torno de identidades específicas: mulheres, negros, indígenas, pessoas com necessidades especiais etc.*³⁴

As juventudes, com sua heterogeneidade e dinamismo, com novos tipos de projetos e trajetórias devem ser acompanhadas com cuidado e atenção. As combinações sociais trazidas à tona pelos jovens e, de algum modo, originais, certamente podem nos ajudar a pensar melhor sobre problemas teóricos e concretos da vida social. Ademais, quando a democracia for capaz de garantir um espaço para que as vozes juvenis sejam ouvidas, a separação será menos provável e movimentos juvenis poderão tornar-se importantes atores na inovação política da sociedade contemporânea.

5 Considerações finais

Guattari, tocando na problemática da subjetividade e de sua produção, possibilita uma nova compreensão do modo de ser juvenil, caracterizado pelo inconformismo e o desejo de mudança. No estado atual da sociedade em que estamos, seja em nível global como local, onde as marcas da desigualdade e da ganância humanas fazem-se notar desde a miséria em que vivem muitos povos, a juventude pode efetivamente representar um movimento, em vários movimentos, de superação de uma lógica perversa em que o ser humano é relegado a segundo plano. Um mundo sustentado pelas buscas individualistas, pelo egoísmo, pelo acúmulo do capital, e não pela partilha, pela solidariedade e pela alteridade, só pode conduzir à sua autodestruição.

Os novos modos de organização juvenis que aos poucos se estruturaram, não tomam por base de contestação simplesmente a ação coordenada e direcionada a momentos específicos. Trata-se na verdade de contestações simbólicas e representativas, afinal, segundo as contribuições de Melucci apresentadas, o mundo capitalista age a partir do simbólico, do representativo. O *modus operandi* das agregações tradicionais mais inusitadas sugere ao *status quo*: ‘há um outro modo possível de ser e fazer; a atual configuração, por mais que pareça ser a única possível, não o é’. É necessário, por isso, encontrar estratégias de integração das forças juvenis pulsantes, de modo que possam formar um todo orgânico, no entanto multifacetado. Para tanto, um novo paradigma deve servir de referência. Nesse, qualquer

³⁴ CNBB, 2007, p. 22.



compreensão totalizante deve ser rechaçada, pois favoreceria a perpetuação do que está posto e, como se salientou, deve se estar atento para o nível de contaminação que o CMI exerce em determinada cosmovisão.

A experiência de um mundo plural que se constitui no contexto pós-moderno não é passageira, mas passa a ser marca de nossas sociedades complexas. Nos diversos espaços (família, religião, escola, lazer) toda linguagem generalizante perde sua força. O discurso da tradicionalidade não encontra mais o seu espaço e os jovens, ao ficarem alheios, apáticos ou indiferentes a este, demonstram sua insatisfação. Não é necessário criar novas estruturas bem formadas, num reformismo desenfreado. Nem parece ser isso que os jovens clamam. Eles, por si mesmos, têm criado espaços inusitados, nos quais exercem seu protagonismo e fazem emergir pensamentos que refletem novos modos de organização social. A percepção fundamental indica que é necessário reverter a lógica que rege os ambientes ortodoxos, de modo que possam oferecer respostas plausíveis aos anseios mais profundos dos jovens que, na realidade, são os mesmos anseios do humano traduzidos no plano das contestações sociais.

Se permanece, ainda, diluído no discurso geral, o mito da juventude como desinteressada e indiferente, na contramão fortalecem-se movimentos de participação social dos jovens. Preocupados com a questão ecológica, com as realidades da pobreza e da fome, com a injustiça social, com as injustiças no mundo do trabalho, com o consumo desenfreado, com uma educação que não valoriza a criatividade e não promove a autonomia, com o enfraquecimento da democracia, jovens no mundo do todo se organizam em redes pelo ambiente virtual e estabelecem propósitos comuns de ação, indicando suas compreensões de mundo e de ser humano, muitas vezes contestatórias das compreensões vigentes.

Referências

CAMARGO, André C. Félix Guattari: o capitalismo mundial integrado. In: *VII Seminário de Pós-Graduação em Filosofia da UFSCar*, 2011, São Carlos, p. 69-76. *Anais eletrônicos*. São Carlos, UFSCar, 2011. Disponível em: <<http://www.ufscar.br/~semppgfil/wpcontent/uploads/2012/05/andrecamargo.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2013.

CASTRO, Lúcia R. de; CORREA, Jane (Orgs.). *Juventude contemporânea: perspectivas nacionais e internacionais*. Rio de Janeiro: NAU/FAPERJ, 2005.



CATANI, Afrânio M.; GILIOLI, Renato S. P. *Culturas juvenis: múltiplos olhares*. São Paulo: UNESP, 2008.

CNBB. *Campanha da Fraternidade 2013: manual*. Brasília: CNBB, 2012.

_____. *Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais*. São Paulo: Paulinas, 2007.

COSTA, Maria R. da; SILVA, Elizabeth M. da (Orgs.). *Sociabilidade juvenil e cultura urbana*. São Paulo: Educ, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2002.

GIL, Carmem Z. V. Participação juvenil: o que anunciam os estudos. In: ASQUIDAMINI, Fabiane (org.). *Contratempos: juventude, segurança e paz*. São Leopoldo: Trilha Cidadã; CEBI; Rali de Comunicação; Rede Brasileira de Institutos de Juventude, 2009.

GUATTARI, Félix. *Revolução molecular: pulsações políticas do desejo*. Tradução de Suely Rolnik. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Trad. Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

_____; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes, 1999.

MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. In: Juventude e contemporaneidade. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo: ANPED, Número Especial: n. 5: mai/jun/jul/ago e n. 6: set/out/nov/dez, 1997. Disponível em: <http://dspacesnj.c3sl.ufpr.br/jspui/bitstream/11322/18/1/RBDE05_6_03_ALBERTO_MELUCCI.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2014.

OLIVEIRA, Rosana M. de Tecnologia e subjetivação: a questão da agência. *Revista Psicologia e Sociedade* [online]. Porto Alegre, v. 17, n1, p, 56-60, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/psoc/v17n1/a08v17n1.pdf>>. Acesso em: 11 jan. 2014.

SOARES, Leonardo B.; MIRANDA, Luciana L. Produzir subjetividades: o que significa. *Estudos e pesquisas em psicologia*. Rio de Janeiro, UERJ, ano 9, n. 2, 2º semestre de 2009, p. 408-424. Disponível em: <<http://www.revipsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a10.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2013.